



A INTERFACE SINTAXE-FONOLOGIA NO CASO DOS *BLENDS*

CÉSAR ELIDIO MARANGONI JUNIOR*

RESUMO

Este *squib* busca, no cerne da Otimidade Distribuída, com base em Trommer (2001), abordar o *blending* enquanto um processo morfofonológico cuja formação se dá em duas etapas: na derivação sintática, tem-se o estabelecimento de uma relação gramatical entre duas raízes já categorizadas, com a adjunção de um morfema avaliativo que codifica a leitura jocosa própria dos *blends* à estrutura até então derivada. O morfema avaliativo carrega instruções para as interpretações nas interfaces, uma vez que influencia na criação dos domínios prosódicos e na interpretação semântico-enciclopédica da derivação. No ramo de PF, a inserção de vocabulário é determinada pela existência de restrições estruturais e de alinhamento que garantem a boa formação fonológica das estruturas; a Enciclopédia interpreta a relação de atribuição entre as raízes e a intenção do falante ao produzir o *blend* presente no próprio morfema avaliativo.

Palavras-chave: *blending*, interface sintaxe-fonologia, otimalidade distribuída

ABSTRACT

This squib aims to explain, in the realm of Distributed Optimality, based in Trommer (2001), blending as a morphophonological process that is derived in two stages. In the syntactic derivation, there is the establishment of a grammatical relationship between two roots already categorized, with the adjunction of an evaluative morpheme that codifies the humoristic reading to the structure derived. The evaluative morpheme carries instructions for the interpretation in the interfaces, since it influences the creation of prosodic domains and the semantic-encyclopedic interpretation of the derivation. In the PF branch, vocabulary insertion is determined by the existence of structural and alignment constraints that guarantee the phonological well-formedness of the structure; the Encyclopedia interprets the attributive relation between the roots and the speaker's intention in producing a blend, being that intention present in the evaluative morpheme itself.

Keywords: *blending*, syntax-phonology interface, distributed optimality

* Universidade de São Paulo, USP. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), *e-mail*: cesar.marangoni@usp.br. Agradeço à minha orientadora Ana Paula Scher pela ajuda constante e aos pareceristas da revista, que fizeram apontamentos de extrema pertinência à primeira versão deste *squib*.

1 INTRODUÇÃO

No cerne dos estudos morfológicos atuais, os *blends*, também chamados de palavras-valises (ALVES, 1990), cruzamentos vocabulares (SANDMANN, 1990), *portmanteaux* (PIÑEROS, 2000), misturas (SANDALO, 2001), *blends* lexicais (GONÇALVES, 2003) ou fusões vocabulares (BASILIO, 2005), são comumente definidos como o resultado de um processo de formação de lexemas a partir da fusão de partes de pelo menos duas palavras-fonte, sendo que uma delas deve ser reduzida no processo ou deve haver algum tipo de sobreposição gráfica ou fonológica das palavras-fonte (cf. GRIES, 2004). Tal caracterização do processo desvela uma das propriedades do *blending* ressaltada por muitos linguistas, a saber, o fato de ser uma instância de um processo não concatenativo de formação de palavras, na medida em que envolve algum tipo de perda ou de sobreposição fonológica.

De maneira geral, os estudiosos dividem os resultados de tal processo entre casos que envolvam alguma semelhança fonológica entre as bases, a qual determina o ponto de junção entre as palavras-fonte (exemplos em 1a) e casos que não envolvam nenhuma semelhança fonológica, fazendo com que a formação se dê por meio de um truncamento (exemplos em 1b). Além disso, há um terceiro tipo de *blend*, considerado por alguns como “formação analógica” (cf. GONÇALVES, 2012), que se diferencia dos dois primeiros pois consiste, em primeira instância, num caso de reanálise semântica de parte de uma das palavras-fonte (casos de 1c).

- (1) a. *politicanagem* > *política* + *sacanagem*, *sacolé* > *saco* + *picolé*
 b. *portunhol* > *português* + *espanhol*, *forrogode* > *forró* + *pagode*
 c. *boadrasta* > *boa* + *madrasta*, *bebemorar* > *beber* + *comemorar*

A derivação de um *blend* é um assunto recorrente entre os linguistas, uma vez que a riqueza de comportamentos é vista por alguns autores como reflexo da imprevisibilidade inerente ao processo (cf. BAUER, 1983); todavia, a análise mais detalhada dos *blends* nos faz perceber que existe uma sistematicidade na sua derivação. Isso nos leva à questão que norteia a discussão aqui realizada: é possível descrevermos um padrão geral para a derivação de *blends* numa língua específica, o português brasileiro (doravante PB)?

O objetivo deste *squib* é responder afirmativamente à questão levantada ao mostrar como podemos tratar o *blending* como um processo morfológico concatenativo de formação de palavras, na medida em que a derivação do *blend* pode ser vista, sintaticamente, como duas raízes já categorizadas que se encontram em uma dada relação sintática entre si, sendo que a estrutura resultante é, então, modificada pela adição de um morfema avaliativo que codifica a leitura enciclopédica específica da formação. Dessa forma, a perda ou sobreposição fonológica são visíveis somente na inserção de vocabulário, sendo um epifenômeno da presença de tal morfema na estrutura e determinadas por restrições de cunho morfofonológico.

Na próxima seção, introduzo o modelo de análise que norteará a discussão, a saber, a Otimalidade Distribuída. Em seguida, apresento uma proposta de estrutura sintática para os *blends*. A partir dessa proposta, passo à derivação de *blends* atributivos para ilustrar a interface sintaxe-fonologia presente nesse processo de formação de palavras. Por fim, trago as conclusões parciais da pesquisa até o presente momento.

2 A OTIMALIDADE DISTRIBUÍDA

A Otimalidade Distribuída (doravante OD), com base em Trommer (2001), é um dos desdobramentos da Teoria Gerativa que aparece como um diálogo possível entre dois modelos diferentes, a saber, a Teoria da Otimalidade (doravante TO) e a Morfologia Distribuída (doravante MD). Trommer (2001, 2003) desenvolve o modelo da OD, o qual se baseia na premissa, já existente na MD, de que a morfologia é um módulo separado da gramática que interpreta os *outputs* da sintaxe, sendo que, na derivação sintática, o que temos são unicamente feixes de traços abstratos sem conteúdo fonológico. O papel da morfologia é, assim, atribuir conteúdo fonológico a estruturas sintáticas através do pareamento entre unidades sintáticas que correspondem a palavras com itens de vocabulário (doravante IVs), os quais, por sua vez, combinam traços morfossintáticos com certo conteúdo fonológico.

Como o *output* gerado pela sintaxe serve na OD de *input* para a computação morfológica, a gramática gera, como na TO, um conjunto de candidatos a *output* que contém todas as cadeias que consistem exclusivamente de IVs compatíveis com os núcleos do *input*. Os núcleos que são realmente realizados por meio de IVs e a ordem dos IVs numa dada língua dependem do *ranking* específico dessa língua de acordo com restrições universais de marcação, fidelidade e de ordenação dos morfemas.

Grosso modo, a derivação sintática se dá, na OD, nos moldes da MD, uma vez que a sintaxe opera com elementos retirados da Lista 1 ou Léxico Estrito, na qual encontramos as raízes e os traços sintático-semânticos abstratos; na derivação sintática, elementos dessa lista são concatenados de maneira a veicular uma dada informação — a estrutura resultante deve ser interpretável tanto para PF (do inglês, *Phonological Form*) quanto para LF (do inglês, *Logical Form*). No caminho para PF, a Estrutura Morfológica opera por meio de restrições, de modo que a interpretação morfológica da estrutura sintática e a inserção de vocabulário são reduzidas a um mesmo mecanismo de operação: as restrições. As operações morfológicas da MD como fusão e empobrecimento, por exemplo, bem como a linearização da estrutura são, nesse modelo, derivadas por meio de restrições morfológicas e morfofonológicas específicas. Nesse sentido, o trabalho realizado em PF se assemelha à TO, uma vez que se dá por meio de restrições que se relacionam de maneira hierárquica entre si.

As restrições, na OD, são essencialmente de três tipos: aquelas que requerem uma determinada configuração estrutural, aquelas que bloqueiam uma determinada configuração estrutural e as restrições de alinhamento; todas apresentam versões *input-output* e só *output*. A análise morfofonológica aqui desenvolvida se vale do confronto entre

restrições de realização, que preconizam a realização de certas estruturas, restrições de bloqueio estrutural, que requerem que certos elementos da cadeia do *input* não sejam plenamente realizados na cadeia de *output* e restrições de alinhamento, que fazem uma correspondência entre fronteiras de palavras morfológicas e fronteiras de palavras prosódicas. A partir da atuação dessas restrições e das relações hierárquicas que estabelecem entre si, podemos evidenciar a pauta acentual dos *blends* formados, de maneira que eles se afastem, em termos fonológicos, dos compostos prototípicos.

Nesse cenário, a formação dos *blends* se dá em dois níveis: primeiramente, tem-se uma estrutura sintática própria dos *blends* e, num segundo momento, tem-se a inserção de vocabulário por meio da seleção do candidato ótimo no que diz respeito ao *ranking* de restrições atuantes no processo. Na próxima seção, abordo o nível sintático do processo.

3 A ESTRUTURA SINTÁTICA DOS *BLENDS*

A derivação de um *blend* envolve a existência de duas raízes retiradas da Lista 1 que são categorizadas por um núcleo definidor de categoria *n*, *v* ou *a*. Com base em Chomsky (2000, 2004), Nóbrega (2014) defende que um dos universais da composição é o estabelecimento de uma relação gramatical entre os membros de um composto, a qual pode ser de três tipos: subordinação, atribuição e coordenação. A subordinação ocorre por meio de *set-Merge*¹ e estabelece uma relação predicado-argumento em que um dos constituintes tem seu traço seletor valorado por seu complemento, gerando uma estrutura simétrica. A atribuição, por sua vez, envolve *pair-Merge* e estabelece uma estrutura assimétrica na medida em que o constituinte não núcleo é concatenado ao núcleo, independentemente da valoração de um traço seletor. Por fim, a coordenação ocorre quando uma conjunção toma dois constituintes de mesma categoria e desfaz a relação simétrica entre eles via movimento, de maneira a rotular a estrutura.

As relações que o autor elenca para os compostos são aquelas que encontramos também nos *blends*: no caso do PB, os exemplos são predominantemente formados por nomes e adjetivos, de maneira que, no *corpus* analisado nesta pesquisa, que consiste de em torno de 250 *blends*, não encontramos casos de subordinação — embora isso seja possível sintaticamente. Entre os *blends* atributivos, podemos citar: *futirão* (*futebol* + *mutirão*), termo cunhado no contexto de um paredão do *reality show* Big Brother Brasil, e *chafé* (*chá* + *café*), termo que faz referência a um “café fraco”; entre os coordenados, podemos citar os chamados *ships*, em que nomes próprios são unidos de maneira a veicular uma relação afetiva entre duas pessoas, como *Brumar* (*Bruna Marquezine* + *Neymar*), e casos como *barbeludo* (*barbudo* + *cabeludo*), que faz referência a um homem que é tanto barbudo quanto cabeludo — nesses casos, não é evidente qual dos dois elementos é o núcleo da forma derivada.

1 Em linhas gerais: (i) *set-Merge*: forma um conjunto $\{\alpha, \beta\}$ e é responsável pelo estabelecimento de relações argumentais e pelos movimentos sintáticos; (ii) *pair-Merge*: forma um par ordenado $\langle \alpha, \beta \rangle$ e é responsável pela concatenação de adjuntos (NÓBREGA, 2014, p. 125).

A aproximação entre compostos e *blends* é algo bastante discutido na literatura morfológica. Por exemplo, Ralli e Xydopoulos (2011) defendem que a diferença fundamental entre *blends* e compostos está no fato de que os primeiros são formados de maneira consciente pelo falante, isto é, há algum efeito estilístico que direciona a sua formação; os segundos, por sua vez, são formados sem um esforço maior, de acordo com mecanismos de formação de palavras.² O *blending* é visto, nessa proposta, como um processo na fronteira entre a competência linguística e a criatividade. A conclusão a que os autores chegam é a de que os *blends* são um tipo especial de compostos: estruturalmente, eles pertencem aos compostos; superficialmente, em contextos particulares, eles perdem parte de sua forma, sendo que tal redução na forma é feita de maneira intencional pelo falante, devido a necessidades comunicativas. Na análise aqui desenvolvida, todavia, a intenção do falante está ligada à leitura avaliativa da formação; dessa forma, não é o falante que intencionalmente determina a realização fonológica do *blend*, uma vez que esta é o resultado de um *ranking* de restrições específico da língua em questão.

No cerne da MD, Nóbrega (2014), defende que há duas propriedades universais da composição: (a) a presença de uma relação gramatical entre os membros do composto, a qual pode ser de subordinação, coordenação ou atribuição; (b) o estabelecimento de um núcleo categorial acima de dois núcleos complexos que se encontram em uma dada relação gramatical, garantindo que a estrutura formada seja vista como uma única unidade sintática. A especificidade dos compostos, para o autor, está na maneira como as línguas do mundo emolduram morfológicamente seus compostos, sendo que isso pode ser feito a partir da combinação entre dois radicais, entre um radical e uma palavra ou entre duas palavras, bem como os processos fonológicos relacionados à composição em uma determinada língua.

A composição é, assim, definida da seguinte maneira: “um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática, são recategorizados por um núcleo definidor de categoria — *n*, *v* ou *a*” (NÓBREGA, 2014, p. 25). O terceiro núcleo categorizador garante que a estrutura formada seja aquela do composto e dá conta das informações flexionais do composto formado. Nesse sentido, o *blending* se assemelha à composição na medida em que, sintaticamente, os dois processos são derivados inicialmente da relação gramatical entre duas raízes categorizadas. A diferença entre os dois processos está na presença do morfema avaliativo na própria estrutura sintática no caso dos *blends* e fica mais visível no ramo de PF: o comportamento prosódico dos *blends* é um epifenômeno da presença de um núcleo avaliativo presente na estrutura sintática, acima das duas raízes já categorizadas, que codifica a leitura humorística do processo em questão.

2 A distinção entre o que faz parte da intenção consciente do falante e o que é derivado sem um esforço maior é pouco esclarecedora, principalmente quando levamos em conta a quantidade de *blends* formados nos dias de hoje. Uma maneira de perceber essa distinção que é a utilizada aqui é a presença do morfema avaliativo, responsável por uma leitura de modificação específica. O morfema é discutido de maneira detalhada no decorrer do *squib*.

A análise aqui proposta para o processo está em consonância com a de Ralli e Xydopoulos (2011), discutida acima, na medida em que defendo que o *blend* apresenta uma estrutura sintática que remete a um composto com uma leitura avaliativa codificada, dada pela presença do morfema [Eval], presente desde a Lista 1. O resultado do *blending* é, assim, uma estrutura em que duas raízes categorizadas, concatenadas em uma determinada relação sintática, são concatenadas a um morfema avaliativo, responsável por determinar a leitura enciclopédica da formação.

A codificação da intenção estilística do falante ao produzir um *blend* é dada, assim, pela presença de um morfema avaliativo, que, apesar de receber um IV nulo fonologicamente, é o responsável pela leitura jocosa/humorística e pelo comportamento prosódico da derivação em PF. Ao postularmos que há um morfema responsável por codificar tal leitura estilística, estamos tratando o *blending* como um processo gramatical: a estrutura com a avaliação determinada por um morfema específico pode ser testada translinguisticamente e, caso seja perceptível nas diversas línguas do mundo, temos um ponto em favor da determinação do *status* gramatical de tal processo.

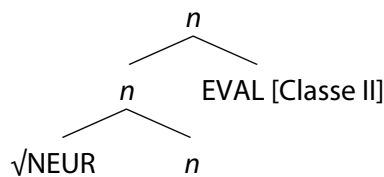
Nesse sentido, temos um caso de morfologia avaliativa. Villalva (2000) defende que os sufixos avaliativos do português não se configuram como casos nem de morfologia flexional, nem de morfologia derivacional; para a autora, o que temos é um caso de adjunção, na medida em que tais sufixos não podem ser nem núcleos nem especificadores da estrutura em que ocorrem. A análise da autora permite que percebamos similaridades entre o comportamento destes e dos *blends*: a presença do morfema avaliativo na estrutura sintática é responsável unicamente por codificar a leitura de modificação, não sendo capaz de alterar a categoria da estrutura derivada, por exemplo. A partir disso, defendo que o morfema avaliativo aparece como modificador das duas raízes categorizadas concatenadas em uma dada relação gramatical; temos, assim, uma relação de adjunção, de modo que o morfema [Eval] não é capaz de projetar e rotular a estrutura. Sua função é a de fornecer instruções para a leitura semântica de modificação — que é dada pela Enciclopédia na interface conceitual — e por determinar a prosódia da estrutura em PF.

A postulação do morfema avaliativo já presente na derivação sintática está em consonância com a proposta de Scher (2011, 2013, 2018), que, ao analisar dois tipos de formas truncadas no PB, defende que elas podem ser tratadas como processos concatenativos de formação de palavras, o que se dá por meio de um processo sintático que envolve a categorização da raiz e a concatenação do morfema [Eval] — que corresponde à leitura apreciativa característica das formas truncadas no PB —, com a posterior operação morfológica de inserção de um sufixo temático. As formas truncadas são formadas pela raiz, mais um categorizador e um núcleo avaliativo na sintaxe, além de um sufixo temático, o qual é adicionado no componente morfológico. Em (2), temos as derivações sintáticas e morfológicas para a forma truncada *neura*; na estrutura morfológica, a inserção de vocabulário insere *neur-* para a posição de raiz e *-a* para a posição de sufixo temático, sendo as demais posições

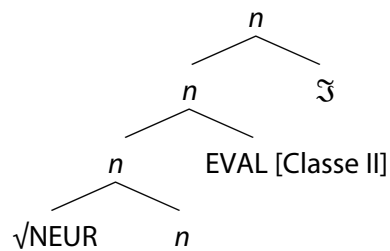
realizadas por um IV nulo fonologicamente. Em casos como *feijuca* e *padoca*, por exemplo, a autora defende que o morfema EVAL recebe um expoente fonológico, *-uc-* e *-oc-*, respectivamente, presentes em outras formas do PB.

(2) **Derivação para *neura***

a. Estrutura sintática



b. Estrutura morfológica



(cf. SCHER, 2018, p. 107)

Enquanto nas formas truncadas temos uma leitura apreciativa, no caso dos *blends* o que temos é uma leitura avaliativa que caracteriza o processo como um todo; ao postularmos a existência desse morfema avaliativo desencadeador de um *ranking* de restrições ativo na inserção de vocabulário, estamos tratando a perda fonológica perceptível no *blending* como um epifenômeno, isto é, uma consequência natural da existência de um morfema específico já na derivação sintática. Isso mostra que a motivação do processo é de natureza morfossintática, uma vez que se situa na interface entre a estrutura sintática dotada de um morfema avaliativo e a fonologia conferida à estrutura no ramo de PF. Na próxima seção, temos a derivação passo a passo de um *blend* atributivo, evidenciando a estrutura sintática formada e trazendo uma primeira argumentação acerca de como se dá a inserção de vocabulário nesse caso.

4 DERIVANDO UM *BLEND* ATRIBUTIVO: MORFEMA AVALIATIVO E COMPETIÇÃO NO RAMO DE PF

No passo a passo da derivação na OD, primeiramente há a seleção dos itens da Lista 1 necessários para a formação de um *blend* atributivo. Primeiramente, duas raízes são selecionadas e devidamente categorizadas. No desenvolvimento do *squib*, assumo uma noção de raiz que se aproxima daquela defendida por Harley (2014), segundo a qual as raízes são unidades da computação morfossintática identificadas por índices abstratos que servem como instruções para a inserção de vocabulário em PF e para a interpretação semântica em LF. Grosso modo, as raízes são individuadas na derivação sintática pela presença de um índice abstrato, não apresentando, portanto, nenhuma informação fonológica ou semântica desde o início.

para fins sintáticos, as raízes são nós terminais sintáticos desprovidos de traços funcionais. Além disso, os casos de supleção no nível da raiz³ e de raízes como *-ceive* e *-port* do inglês⁴ trazem problemas para uma individuação das raízes na sintaxe de natureza fonológica e semântica, respectivamente.

Uma consequência dessa visão das raízes é que os *blends* poderiam ser formados pela junção de quaisquer raízes, independentemente da necessidade de haver uma relação semântica explícita entre as raízes envolvidas.⁵ Num primeiro momento, essa constatação parece problemática quando olhamos para exemplos como *pãe* (*pai* + *mãe*), visto que há uma relação semântica explícita entre as palavras-fonte, ou mesmo para exemplos como *gratiliz* (*gratidão* + *luz*), em que há uma relação de significado mais abstrata entre os elementos; todavia, quando olhamos para exemplos como o já citado *futirão* (*futebol* + *mutirão*) e para *croasonho* (*croissant*⁶ + *sonho*), podemos perceber que essa relação semântica entre as palavras-fonte é menos evidente. Dessa forma, teoricamente, quaisquer raízes poderiam ser concatenadas para a derivação de um *blend*, desde que a relação sintática entre elas esteja presente.

A categorização das raízes é feita por meio da operação *Merge* entre a raiz e o núcleo categorizador, que pode ser *n*, *v* ou *a*. A raiz categorizada recebe, assim, uma categoria somente quando se associa a um categorizador; antes disso, a raiz só pode ser individuada por meio de seu índice, não recebendo, portanto, uma categoria já na Lista 1. Em seguida, as raízes já categorizadas são concatenadas entre si em uma dada relação sintática; para os *blends* atributivos, tal relação é de atribuição, em que a raiz não núcleo modifica a raiz núcleo e é o núcleo que rotula a estrutura formada.

Após isso, a estrutura derivada até então é concatenada a um morfema avaliativo, responsável pela leitura avaliativa da formação; a avaliação se faz presente também em outras formações linguísticas, como os hipocorísticos, as formas truncadas e os sufixos avaliativos. O morfema [Eval] adjunge-se à estrutura formada para codificar a leitura semântica própria do processo, a saber, a avaliação por parte do falante. O morfema não configura uma projeção máxima na medida em que não apresenta uma posição de especificador e na medida em que não é capaz de rotular a estrutura derivada — não possui uma categoria, uma vez que não se concatenou em um plano separado a um núcleo categorizador; a sua função é, assim, de instruir a leitura que deve ser feita nas interfaces,

3 Supleção no nível da raiz: há raízes cuja exponencia fonológica é determinada pelo contexto morfossintático em que a raiz aparece, não sendo previsível fora deste contexto; é o caso de *go* e *went* do inglês, por exemplo.

4 Há raízes no inglês como *-ceive* (*receive*, *deceive*) e *-port* (*report*, *deport*) que são totalmente sem significado fora de seu contexto morfossintático. Apesar de sua natureza semântica não determinada desde o início, essas raízes são facilmente identificadas como raízes do inglês por uma criança em processo de aquisição da linguagem, por exemplo.

5 Agradeço a um dos pareceristas do *squib* que chamou a atenção para esse fato. A relação semântica entre os elementos do *blend* é um ponto que será melhor investigado na continuação desta pesquisa.

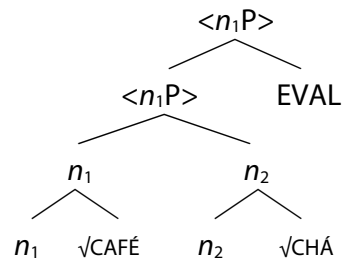
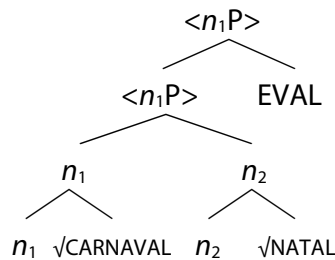
6 O *blend* é formado a partir da pronúncia que a palavra de origem francesa recebe comumente no Brasil. Vale ressaltar que *croasonho* é pronunciado com /s/ pelos falantes e não com /z/.

tendo influência na prosodização da estrutura em PF e na leitura semântico-enciclopédica na interface conceitual.

(3) **Árvore sintática para *blends* atributivos⁷**

a. Carnatal (carnaval + natal)

b. Chafé (chá + café)



Seguindo Embick e Noyer (2001), a inserção de vocabulário, a linearização da estrutura e a construção dos domínios prosódicos ocorrem no caminho para PF. Olhando para as duas árvores sintáticas acima, podemos pensar nos IVs em (4) para a realização dos nós terminais de raiz e do morfema avaliativo. A linearização e a construção dos domínios prosódicos são influenciadas diretamente pela inserção de vocabulário e são determinadas por um *ranking* específico de restrições de realização, de acento e de alinhamento.

(4) **IVs para as árvores em (3)^{8,9}**

a. Carnatal

Input: [Eval] [$\sqrt{_{250'}} n_1$] [$\sqrt{_{480'}} n_2$]
 Output: \emptyset : [Eval] carnaval: [$\sqrt{_{250'}} n_1$] natal: [$\sqrt{_{480'}} n_2$]

b. Chafé

Input: [Eval] [$\sqrt{_{120'}} n_1$] [$\sqrt{_{300'}} n_2$]
 Output: \emptyset : [Eval] café: [$\sqrt{_{120'}} n_1$] chá: [$\sqrt{_{300'}} n_2$]

Uma primeira hipótese que podemos levantar é que a presença do morfema avaliativo, apesar de não receber um expoente fonológico plenamente realizado, instrui a construção dos domínios prosódicos, de maneira que exige que as duas raízes concatenadas sejam realizadas superficialmente por um *output* que contenha um único acento, na maioria das vezes, o acento da raiz à direita da formação — temos, assim, uma restrição de realização

7 Optei por simplificar a derivação das raízes, não fazendo referência, por exemplo, às marcações de classe nominal, as quais são adicionadas à estrutura apenas na Estrutura Morfológica.

8 A esquematização dos IVs emula a nomenclatura que Trommer (2001) utiliza para se referir aos IVs, com uma mudança importante: o autor se refere às raízes pelo termo “radical” e as considera um traço “+radical”; todavia, assumo que as raízes são morfemas sintaticamente falando e não traços – vale ressaltar que o foco do autor são os caso de morfologia flexional, enquanto que esse *squib* é uma tentativa de avaliar se a OD consegue explicar elegantemente fenômenos da morfologia dita derivacional também.

9 *Carnatal* diz respeito a um evento que ocorre na cidade de Natal durante o carnaval e *chafé* diz respeito a um café fraco. Nos exemplos, a raiz com o índice ₁ corresponde ao núcleo e a com índice ₂ ao não núcleo.

PARSE 1HEAD, que advoga em favor da realização de apenas um acento primário na formação. A existência de um morfema que influencia a estruturação prosódica da estrutura em que ele se encontra também é perceptível em alguns casos de afixação, nos quais a concatenação do afixo a uma raiz pode ocasionar a migração do acento para a borda da direita da palavra (cf. ALDERETE, 1999); em ambos os casos, o que temos são morfemas concatenados à raiz que instruem a realização prosódica da construção. Em outras palavras, o *blend* formado projeta apenas uma palavra prosódica — essa é a característica principal que o diferencia dos compostos, visto que os compostos [radical + palavra] e [palavra + palavra] projetam duas palavras prosódicas (cf. NÓBREGA, 2014).

Uma consequência dessa primeira restrição é que deve haver a perda de parte do conteúdo fonológico das raízes envolvidas para satisfazer à restrição acentual; isso pode ocorrer através da perda fonológica ou da sobreposição em posições de identidade fonológica entre as raízes. Outra consequência é que deve haver uma adequação silábica da estrutura formada, de modo que corresponda à exigência de que apenas um acento primário seja realizado; a adequação silábica corresponde ao fato de que o *blend* tem uma tendência em apresentar o mesmo número de sílabas que uma das palavras-fonte, geralmente aquela de maior extensão silábica. Para dar conta disso, propomos as restrições PARSE [Root]_{min} e PARSE [Root]_σ, respectivamente, sendo a primeira uma restrição de fidelidade e a segunda uma restrição de marcação.

Por fim, precisamos de uma restrição que diga respeito ao alinhamento entre as raízes categorizadas. *Grosso modo*, podemos encontrar casos em que o núcleo está mais à esquerda e o modificador à direita, como *namorido* (*namorado* + *marido*)¹⁰ e *criçãoça* (*criança* + *onça*) e casos em que o modificador aparece mais à esquerda e o núcleo aparece mais à direita, como *arentena* (*arente* + *quarentena*) e *boacumba* (*boa* + *macumba*)¹¹. Uma hipótese que podemos levantar para esse comportamento dos *blends* é que, sintaticamente, temos uma relação atributiva entre os exemplos, mas, superficialmente, a ordem é determinada por uma restrição que advoga em favor de que o ponto de quebra — local em que ocorre a junção das duas palavras-fonte — seja aquele em que há maior identidade fonológica entre as raízes, como é o caso, por exemplo, de *na* em *carnatal* e, dessa forma, não há sempre uma relação de identidade entre a estrutura sintática hierárquica e a estrutura linearizada. As restrições conflitantes que dão conta disso são: REFLECT [Root]₁[Root]₂, uma restrição de alinhamento que advoga em favor da manutenção da ordem em *output* da estrutura em *input*, e PARSE [Root]₁₂ que preconiza a existência de sobreposição fonológica em ponto de identidade fonológica.

Isso já havia sido evidenciado por Araújo (2000), que defende que a gramática dos *blends* deve levar em conta as seguintes características: a) a manutenção do acento primário do

10 Um parecerista anônimo atentou para o fato de que há outra leitura possível nesse caso: um marido com características de namorado. Essa dupla possibilidade de significado é dada por estruturas sintáticas diferentes (nesse segundo caso, o núcleo é a raiz *marid*); fonologicamente, a realização é a mesma por conta das restrições.

11 A análise aqui proposta deriva este exemplo por meio da restrição PARSE [Root]₁₂ enunciada logo abaixo, de modo que não é necessário recorrermos à semântica das raízes para determinarmos sua formação; esse ponto, todavia, merece maior atenção na continuidade da pesquisa.

componente à direita; b) a tendência a ter o mesmo número de sílabas de um de seus componentes; c) a localização em direção às margens da palavra composta.

Em (5) sintetizo as restrições e apresento o *ranking* de restrições ativas em (6).

(5) Restrições para a formação do *blend*

- a. Restrição PARSE 1HEAD (restrição estrutural): o *blend* deve possuir apenas um acento primário e, portanto, deve projetar apenas uma palavra prosódica.
- b. Restrição PARSE [+Root]_o (restrição estrutural): advoga em favor da realização, no *blend*, do mesmo número de sílabas de algum de seus membros.
- c. Restrição PARSE [+Root]₁₂ (restrição estrutural): advoga em favor da sobreposição de segmentos fonológicos idênticos presentes nos dois membros.
- d. Restrição PARSE [Root]_{min} (restrição estrutural mínima): o membro do *blend* a que corresponde a fonologia com menor extensão deve estar maximamente presente na formação resultante.
- e. Restrição REFLECT [Root]₁[Root]₂ (restrição de alinhamento): deve haver a manutenção, no *output*, da posição em que cada traço está presente em *input*.

(6) Hierarquia das restrições

PARSE 1HEAD >> PARSE [Root]_o >> PARSE [Root]₁₂ >> PARSE [Root]_{min} >> REFLECT [Root]₁[Root]₂

A hierarquia de restrições em (6) dá conta dos dados analisados até o presente momento. No caso do PB, a característica mais marcante da maioria dos *blends* formados é a projeção de apenas uma palavra prosódica, o que faz com que a extensão silábica da formação seja, geralmente, aquela da raiz mais extensa fonologicamente. A partir disso, as estratégias utilizadas para a configuração silábica são: realização máxima da palavra-fonte mais curta e sobreposição em pontos de identidade fonológica.

A Enciclopédia interpreta a derivação na interface conceitual nos moldes dos compostos ditos endocêntricos, visto que os *blends* têm sua referência em suas partes: *escragiário* (*escravo* + *estagiário*), por exemplo, só comporta uma leitura composicional dada pela própria estrutura sintática, que seria a leitura de “um estagiário que é tratado como escravo em seu trabalho”. A referência do *blend* formado está nas suas partes e isso decorre da própria configuração sintática da estrutura, em que temos uma relação de adjunção entre as raízes categorizadas. Além disso, a Enciclopédia também interpreta a avaliação por parte do falante presente no morfema avaliativo. Dessa forma, não há necessidade de se recorrer ao acesso extra da Lista 3 a PF para a determinação da intenção do falante e para a caracterização do comportamento fonológico distinto de tais formações, como defendem alguns autores (cf. MINUSSI; NÓBREGA, 2014; NÓBREGA; MINUSSI, 2015), visto que a intenção do falante já está codificada desde o início da derivação.

A determinação da forma ótima para realização em *output* da estrutura sintática derivada e devidamente operada pelo componente morfológico é dada por meio da competição de IVs, sendo que o de melhor performance nas restrições mais altas na hierarquia é aquele que é escolhido para realizar fonologicamente o *blend* derivado. Em (7) trago os *tableaux* para dois *blends* e em (8) trago a interpretação semântico-enciclopédica dos exemplos.

(7) **Os *tableaux* para cada um dos *blends***

a. Carnatal (carnaval + natal)

INPUT: /CARNAVAL ₁ , NATAL ₂ /	PARSE 1HEAD	PARSE [Root] _σ	PARSE [Root] ₁₂	PARSE [Root] _{min}	REFLECT [+Root] ₁ [+Root] ₂
/CARNAVAL ₁ /NATAL ₂ /	*!				
☞/CARNA ₁ /NATAL ₂ ¹²					
/CAR ₁ /TAL ₂		*!			
/CAR ₁ /ATAL ₂			*!		
/NA ₂ /NAVAL ₁				t! a l	

b. Chafé (chá + café)

INPUT: /CAFÉ ₁ , CHÁ ₂ /	PARSE 1HEAD	PARSE [Root] _σ	PARSE [Root] ₁₂	PARSE [Root] _{min}	REFLECT [+Root] ₁ [+Root] ₂
/CAFÉ ₁ /CHÁ ₂ /	*!				
☞/CHÁ ₂ /AFÉ ₁ ¹³					
/CAF ₁ /Á ₂			*!		
/CHÁ ₂ /FÉ ₁			*!		
/CH ₂ /AFÉ ₁			*!		

(8) **Interpretação semântico-enciclopédica dos exemplos**

- a. CARNATAL: um festival de carnaval que ocorre na cidade de Natal
 b. CHAFÉ: um café fraco

12 Nesses casos em que há sobreposição fonológica, a porção sobreposta faz referência às duas raízes, uma vez que fica difícil determinar de qual das duas vem tal porção; lê-se graficamente: *carnatal* e não **carnanatal*.

13 Nesses casos em que há sobreposição fonológica, a porção sobreposta faz referência às duas raízes, uma vez que fica difícil determinar de qual das duas vem tal porção; não devemos ler como a repetição da porção: graficamente, temos *carnatal* e não **carnanatal*.

Uma hipótese que podemos levantar, por fim, é a de que o mecanismo de dois níveis apresentado aqui para a derivação do *blend* pode ser estendido de maneira a também prever a derivação de formas truncadas e hipocorísticos. No segundo caso, por exemplo, podemos pensar que a presença do [Eval] concatenado a um determinado antropônimo, tanto feminino quanto masculino, é responsável por dar conta da leitura afetiva presente nos apelidos, bem como por dar conta da redução fônica perceptível em tais formações. Caso encontremos evidências favoráveis para essa análise, estaríamos contribuindo para uma simplificação dos processos de formação de palavras, na medida em que seu funcionamento se assemelha pela presença de um morfema avaliativo que codifica a intenção do falante na própria estrutura sintática formada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta neste *squib* tentou explicitar de que maneira o *blending* pode ser considerado um processo morfofonológico. A partir da observação das informações fonológicas, morfosintáticas e semântico-enciclopédicas dos *blends*, pudemos notar como o modelo da Otimidade Distribuída consegue explicar de maneira elegante tal processo; grosso modo, esse modelo nos permite situar a formação do *blend* como uma instância de uma morfologia avaliativa determinada sintaticamente, sendo que o morfema avaliativo influencia a construção dos domínios prosódicos em PF e a interpretação semântico-enciclopédica da estrutura derivada pela Enciclopédia na interface conceitual.

Na derivação sintática, há duas raízes já categorizadas, sendo que tais raízes categorizadas se encontram em uma determinada relação sintática entre si, a qual pode ser de subordinação, de coordenação ou de atribuição. Há, ainda, a concatenação de um morfema avaliativo a essa estrutura formada, o qual garante a interpretação jocosa/humorística própria do processo em questão e garante o comportamento fonológico específico dos *blends*, principalmente no que diz respeito à pauta acentual da formação derivada.

No caminho para PF, a inserção de vocabulário se faz por meio da competição entre itens de vocabulário que são formas de *output* candidatas a realizar o *input* formado pela derivação sintática; os *outputs* possíveis são analisados de acordo com o seu desempenho em um *ranking* de restrições morfofonológicas, sendo que o vencedor é o candidato ótimo, isto é, aquele que apresenta uma melhor performance nas restrições sob análise, principalmente no que diz respeito àquelas mais altas na hierarquia.

A presença do morfema avaliativo na estrutura ocasiona a projeção de apenas uma palavra prosódica, a qual, por sua vez, sanciona a perda ou a sobreposição fonológica; dessa forma, a perda ou sobreposição fonológica é vista como um epifenômeno, isto é, uma consequência natural da pauta acentual determinada pela presença do morfema avaliativo no contexto sintático local. As restrições propostas dizem respeito à realização dos segmentos fonológicos dos membros do *blend*, bem como dizem respeito a questões de alinhamento e de prosódia, fazendo exigências acerca do número de palavras prosódicas que tal domínio pode projetar e o número de sílabas ideal, por exemplo. Na interface conceitual, a estrutura derivada é interpretada endocentricamente com a intenção específica do falante já codificada na presença do morfema avaliativo desde a derivação sintática.

REFERÊNCIAS

- ALDERETE, J. D. *Morphologically Governed Accent in Optimality Theory*. Tese (Doutorado em Filosofia). Massachusetts: University of Massachusetts, 1999.
- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARAÚJO, G. Morfologia não-concatenativa em português: os *portmanteaux*. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 39, 2000, p. 5-21.
- BASILIO, M. *A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras*. Trabalho apresentado no 4. Congresso Internacional da ABRALIN, 2005.
- BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (ed.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89-155.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanation Adequacy. In: BELLETTI, A. (ed.) *Structures and Beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 104-131.
- EMBICK, D. *The morpheme: a theoretical introduction*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2015.
- EMBICK, D.; NOYER, R. Movement operations after syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, 2001, p. 555-595.
- GONÇALVES, C. A. V. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas*, v.7, n.1, 2003, p. 149-167.
- GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *SIGNUM: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, jun. 2012, p. 169-199.
- GRIES, S. T. Shouldn't it be *breakfunch?* A quantitative analysis of blend structure in English. *Linguistics*, 42-3, 2004, p. 639-667.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. K. (org.). *The View from Building 20; Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H. On the identity of roots. *Theoretical Linguistics*, Berlin, v. 40, n. 3-4, 2014, p. 255-276.
- McCARTHY, J. The core of optimality theory. In: McCARTHY, J. *A thematic guide to Optimality Theory*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002. p. 3-47.
- MINUSSI, R. D.; NÓBREGA, V. A. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas (UFJF)*, v.18, n. 1, 2014.

NÓBREGA, V. A. *Tópicos em composição: estrutura, formação e acento*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

NÓBREGA, V. A.; MINUSSI, R. D. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos *blends* fonológicos. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91, jan./jun. 2015, p. 158-177.

PIÑEROS, C.-E. Word-blending as a case of non-concatenative morphology in Spanish. *Rutgers Optimality Archive*, 2000.

RALLI, A.; XYDOPOULOS, G. J. Blend formation in Modern Greek. In: RENNER, V.; MANIEZ, F.; ARNAUD, P. (org.). *Cross-disciplinary perspectives on lexical blending*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

SANDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (ed.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHER, A. P. Formas truncadas em português brasileiro e espanhol peninsular: descrição preliminar. *ReVEL*, ed. esp. n. 5, 2011, p. 61-79.

SCHER, A. P. Concatenative affixation in Brazilian Portuguese truncated forms. In: *Proceedings of the Glow in Asia IX 2012: the main session*. Tsu: Mie University, 2013, p. 261-270.

SCHER, A. P. *Por menos morfologia não concatenativa: uma análise localista para as formas nominais truncadas no português brasileiro*. Tese (livre docência). São Paulo, 2018.

TROMMER, Jochen. *Distributed Optimality*. Alemanha: Potsdam University Press, 2001.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia do Português*. Lisboa: FCT, 2000.

Squib recebido em 6 de abril de 2020.

Squib aceito em 18 de maio de 2020.